

Mas, ai de mim! Meu barco pequenino
Perdeu-se em meio à torva tempestade
Sem divisar a luz de qualquer porto;

E as minhas esperanças de menino
E os anelos de amor e mocidade
Naufragaram no grande desconforto.

Sonho inútil

Em minha juventude estive à espera
De um malogrado sonho superior.
Esperança divina que eu quisera
Ver aureolada por um grande amor!

Mas não pude esperar quanto devera
Nos carreiros aspérrimos da dor,
Sem fé, que era aos meus olhos a quimera
Do pensamento mistificador.

Meu erro foi descer, porque, deserto
O coração, somente acreditei
Na morte, o grande abismo, o nada incerto!...

Oh! o maior dos enganos perpetrados!
Pois no meu sonho altíssimo de rei
Achei a dor dos grandes condenados!

40

**“MAIS VERDADE DO QUE DINHEIRO,
MAIS LUZ DO QUE PÃO”**

*“A crise espiritual, fonte dos males atuais”
Outro soneto de Antero de Quental*

PEDRO LEOPOLDO, 14 (Especial para O GLOBO, por Clementino de Alencar) — Muitas são as consultas que em nada vão além de preocupações puramente terrenas. E isso já nos serviu a observar como os espíritos, no caso, falando pela palavra de Emmanuel, procuram sempre fugir àquele exclusivismo material, conseguindo, não raro, estabelecer uma relação entre os problemas humanos que estejam inteiramente à margem de sua vida espiritual e as cogitações que pairam e os remédios que possam vir dos altos planos onde, segundo a doutrina, vivem os Amigos do espaço.

Tal constatação parece-nos bastante significativa para os que convictamente lutam entre as contingências da Terra, pois vem, de certa forma, enobrecer um pouco certos detalhes mais tipicamente terrenos da existência, os quais tanto desdém merecem de certos credos, apesar do muito de dores que deles, detalhes, às vezes resultam para os homens.

E isto sempre conforta um pouco aos campeadores convictos da vida em que estamos, da única que percebemos sem nenhuma dúvida, vindo afinal de contas sempre dar um sentido mais digno àquilo que Fradique chamou “a escura disparada para a morte” e que, para o personagem de Shakespeare, não passaria de uma história tola contada por um idiota...

A verdadeira crise do mundo é uma só – a de ordem espiritual

A pergunta e a resposta que damos a seguir enquadram-se, sem dúvida, nas nossas considerações de acima.

Indagara o missivista:

— As nações estão vivendo um momento angustioso no terreno econômico. Qual a causa dessa crise que avassala o mundo?

Emmanuel respondeu assim:

— “Estão acertadas, no seu julgamento, quantas encontram, nas crises atuais, as modalidades várias de uma crise única – a de ordem espiritual.

Há por todo o canto, o fermento revolucionário. Falece à política autoridade para organizar um programa que corresponda aos anseios gerais. A ciência, a cada passo, se encontra num turbilhão de perplexidades. As religiões criaram um Deus antropomórfico, pondo de lado o “reino do céu” para alcançarem, por quaisquer meios, o “reino da Terra”.

A alma humana, dentro dessas vibrações antagônicas, perde-se num emaranhado de conjecturas e de sofrimentos.

Vícios do pensamento, vícios dos costumes, vícios da alimentação

Essa inquietação geral, a ausência de paz nos corações, estabelecem a crise avassaladora que abrange todos os domínios da atividade humana.

As classes são dominadas pelos desvios de toda a ordem; vícios do pensamento, vícios dos costumes, vícios da alimentação. Que se poderia fazer para que a ordem se restabelecesse, para que o bem-estar social se efetivasse?

Far-se-ia mister pirogravar, no coração de cada homem, a legenda célebre de Delfos.

Os anseios e a luta tenaz do espírito, como há dois mil anos

Observa-se, em todos os setores dos trabalhos do mundo, uma luta tenaz dos anseios do espírito que almeja paz e liberação.

Há quase dois milênios, quando a civilização, simbolizada no poderio romano, se entregava a todos os desregramentos e desvarios, fez-se ouvir a voz consoladora do Mestre, o Salvador esperado por muitos séculos de ansiedade e profecias.

Sob a sua divina influência, uma transformação radical se operou dentro da civilização trabalhada pelos hábitos perniciosos. A sua vida sacrificada foi legada ao homem como o sublime modelo; sua palavra foi deixada no mundo como a lei áurea de liberdade das almas.

A culminância de hoje

Passado, porém, o arrebatamento da fé, novamente os abusos da maldade humana se fizeram sentir por toda a parte, e dos quais se observa, na atualidade, a culminância.

O apelo aos sentimentos da fraternidade cristã

Todavia ainda é para Jesus que os homens necessitam voltar os seus olhos. A missão do moderno espiritualismo é trazer a chave dos conhecimentos acerca dos seus grandes e inolvidáveis ensinamentos. Enquanto não compreenderem os homens os seus deveres de fraternidade cristã, não há possibilidade de se evitar as crises que assoberbam o mundo.

Mais verdade do que dinheiro, mais luz do que pão

A guerra continuará amortalhando os corações; os artigos de primeira necessidade serão destruídos pela falsa diretriz econômica de alguns países, quando muitos choram a falta de pão; a confusão prosseguirá dentro de todos os seus matizes, até que a crise espiritual seja solucionada pelo esforço do homem, a fim de que a luz se faça no seu coração. O que se depreende, pois, do confusionismo hodierno, é que os homens necessitam mais de verdade que de dinheiro, de mais luz espiritual que de pão. — Emmanuel.

As compactas legiões sombrias

Do arquivo do “médium” retiramos hoje, mais alguns versos. Trazem ao pé o nome de Antero de Quental e foram psicografadas a 19 de novembro de 1934:

Almas sofredoras

Passam na Terra, como as ventanias
Ou como agigantadas nebulosas
Provindas de cavernas misteriosas,
Essas compactas legiões sombrias;

Turbas de alma escravas de agonias,
Com que andei entre queixas dolorosas,
Ao palmilhar estradas escabrosas.
Entre as noites mais lúgubres e frias!

Oh! visões de martírios que apavoram,
Miseráveis Espíritos que choram,
Sob os grilhões de rude sofrimento!

Orai por eles, bons trabalhadores,
Que estais colhendo sobre a Terra as flores
De um doce e temporário esquecimento.

41

EMMANUEL FALA-NOS SOBRE A MEDICINA DOS HOMENS E O PROBLEMA ANGUSTIOSO DAS GUERRAS

A máxima de Juvenal continua de pé – A necessidade, para extinção das guerras, da renovação das diretrizes econômicas dos povos – O imperativo da mais intensa educação pessoal e coletiva – Guerra, consequência natural dos defeitos das leis humanas

PEDRO LEOPOLDO, 16 (Especial para O GLOBO, por Clementino de Alencar) – Ocupar-nos-emos, hoje, de algumas respostas dadas por Emmanuel a indagações a respeito de guerras e da medicina da Terra.

Sobre este último ponto a pergunta feita era esta:

– “Como encaram os espíritos a medicina da Terra?”

O sagrado sacerdócio

Dados a atividade de certos “médiuns” que se dedicam à cura de males físicos, e os conflitos que, não raro, se estabelecem entre os processos da medicina espírita e os da terapêutica terrena, a resposta apresenta-se interessante, sobretudo, pelo esclarecimento que, de certa forma dá, sobre a razão e as possibilidades daqueles métodos mediúnicos de cura e o benefício que deles porventura resulta para o doente.

Tal esclarecimento, entretanto, nós apenas o podemos deduzir da resposta, pois é digno de ressaltar-se que, nela, Emmanuel, ao contrário do que se poderia supor, não faz propriamente defesa alguma exclusiva da medicina espírita. Limita-se a expor um ponto de vista sobre o problema dos males terrenos, exaltando mesmo nessa esfera, as atividades dos médicos da Terra, nas quais aponta um “sagrado sacerdócio”.